



INSTITUTO DE HUMANIDADES-IH

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU

NELITO AGOSTINHO IALÁ

ESPIRITUALIDADE VERSUS CIVILIZAÇÃO:

BALOA COMO ÍCONE DA RESISTÊNCIA GUINEENSE

REDENÇÃO-CE

2025

NELITO AGOSTINHO IALÁ

**ESPIRITUALIDADE VERSUS CIVILIZAÇÃO:
BALOBA COMO ÍCONE DA RESISTÊNCIA GUINEENSE**

Trabalho apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades- IH na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Igor Monteiro Silva

REDENÇÃO – CE

2025

NELITO AGOSTINHO IALÁ

**ESPIRITUALIDADE VERSUS CIVILIZAÇÃO:
BALOBA COMO ÍCONE DA RESISTÊNCIA GUINEENSE**

Trabalho apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades- IH na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Igor Monteiro Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Monteiro Silva (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Ricardo Cesar Carvalho Nascimento

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Lucas Marcelo Tomaz de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu falecido pai e minha falecida filha, a minha mãe Bunate Fuam, meu irmão Hélder e minhas irmãs Josefina, Luísa, Nelita, Elsi, dedico também aos meus sobrinhos e sobrinhas, em especial a Valentina Júlio Mané (minha namorada).

AGREDECIMENTO

Começo agradecendo a G'ghala¹ e meus ancestrais por permitirem ser filho de Agostinho Ialá e Bunate Fuam, que do pouco que tiveram fizeram o homem que sou hoje, agradeço o apoio financeiro e motivacional que tenho recebido. Agradeço profundamente também aos meus familiares, cujo carinho e incentivo foram fundamentais para minha caminhada.

Agradeço a Valentina, mulher sábia e excepcional, minha namorada, pelo apoio incondicional nos momentos felizes e difíceis. Expresso minha gratidão aos amigos e amigas pela amizade sincera e constante. Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pela valorização ao conhecimento, à pesquisa e ao desenvolvimento estudantil, esta experiência será um marco importante na minha trajetória.

Expresso minha profunda gratidão aos meus professores e todos os setores da UNILAB, agradeço pela paciência e excelência nos seus trabalhos, um agradecimento especial aos meus orientadores Ricardo Nascimento e Igor Monteiro que foram meus guias, sem eles seria difícil chegar nessa dimensão.

Duma forma especial agradeço a minha entrada (2022.2), amo vocês. Duma forma muito carinhosa, expresso minha gratidão ao Jamil Lodna, ao meu bairro Missira que me viu crescer e me ensinou que se queremos ir longe precisamos de ser acompanhados e agradeço ao meu Clã D'MO.

¹G'ghala em língua balanta, é compreendido como um ser supremo, que não pode ser tocado nem visto.

RESUMO

O presente trabalho fala do debate entre a espiritualidade e civilização, com foco no Baloba como ícone da resistência guineense. Este trabalho busca entender de que forma o Baloba continua resistindo perante as imposições civilizatórias ocidentais e árabes sendo um espaço sagrado e comunitário de resistência cultural na Guiné-Bissau. A pesquisa tem como objetivo analisar o papel do Baloba como pilar da resistência espiritual, social e cultural guineense no contexto das pressões da contemporaneidade. O presente estudo vai reforçar no despertar para o reconhecimento do valor das práticas espirituais africanas como formas de reafirmar e fazer com que a África fale por nós novamente na base do seu conhecimento.

Palavras-chave: África, tradição, Baloba, civilização, resistência.

RUZUMU

Es tarbadju li na papia di dibati entri uss di tchon i sibilizason, ku foku na Baloba suma firkidja di rizistensia guinensi. Es tarbadju na buska n'tendi kuma ku Baloba kontinua na rizisti kontra diskriminason kultural i kontinua sedu um spasu ku rakada baluris di nô donas na Guiné-Bissau. Objetivu prinsipal di es projeto di pesquisa i djubi papel di Baloba suma firkidja rizistensia di us, social i kultural guineense na kontestu di presons di mundo di aos. Es studo li na sirbi pa korda sintido di balur di nô us di tchon africano, suma forma di firma di nobu i fasi ku Áfrika papia di nôs otrú bias, mas na bazi di si própriu kunhicimentu.

Palabras-tchabi: África, tradiçon, Baloba, sibilizason, firkidja.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	9
2 - JUSTIFICATIVA	11
3 - OBJETIVOS	12
3.1 - OBJETIVO GERAL	12
3.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
4 - PROBLEMAS	13
4.1 - PROBLEMA GERAL	13
4.2 - PROBLEMAS ESPECÍFICOS	13
5- BREVE HISTÓRIAL	13
6 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA	14
7 - DISCUSSÃO TEÓRICA	16
7.1- BALOBA COMO SÍMBOLO DA RESISTENCIA GUINEENSE	16
7.2 - PAPEL DO BALOBA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA	20
7.3 - ESPIRITUALIDADE AFRICANA VERSUS CIVILIZAÇÃO	21
8 - METODOLOGIA	24
REFERÊNCIAS	25

1- INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa justifica-se no âmbito de apresentação de um trabalho final de curso como forma de adquirir o título da graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU).

A escolha do tema fundamenta-se na necessidade de resgatar e valorizar as crenças espirituais culturais na Guiné-Bissau, com base na compreensão da importância da preservação da espiritualidade guineense, que existia antes da chegada dos colonizadores, da restituição dos velhos costumes que de uma forma a outra vão fazer com que a África retome suas práticas abolidas pela colonização.

Este projeto de pesquisa se argumenta na necessidade de repensarmos os efeitos dos processos coloniais e voltarmos a ser quem éramos antes da chegada dos colonizadores, ou seja, voltarmos a ser africanos e deixarmos que a África fale por nós. Mostrar que ser civilizado/a não é renunciar o que os nossos ancestrais acreditavam e valorizavam, mas, sim, acompanhar com o mundo contemporâneo, evoluir lado a lado com as nossas culturas, pois, a nossa cosmovisão é que nos faz singular e nos dá forças para conter. Vários caminhos e ideologias que hoje são seguidos e adotados na África, querendo ou não, já fazem parte do nosso meio social, porque foram implantados nas dinâmicas de colonização e acabaram por enfraquecer os reais valores culturais e sociais das sociedades africanas.

Este projeto pesquisa tem como objetivo analisar o papel do Baloba como pilar da resistência espiritual, social e cultural guineense no contexto das pressões de contemporaneidade. A pesquisa será uma chamada de atenção no que diz respeito à demonização das crenças africanas, guineenses. Convidando o estado guineense para debater sobre as intolerâncias religiosas no país que vai dividindo a comunidade por afinidade religiosa.

A relação entre espiritualidade e a civilização, sempre esteve marcada por tensões profundas, especialmente quando se trata do continente africano. Mesmo com a escravidão terminada, ainda há uma forte presença dos valores europeus nos contextos africanos submetidos à colonização. A Guiné-Bissau, com sua rica diversidade étnica e cultural, oferece um campo fértil para analisar como o sistema tradicional resistiu às tentativas de dominação cultural e religiosa impostas pelo modelo civilizacional ocidental e também árabe.

Baloba representa um pilar de resistência anticolonial, pois em circunstância nenhuma aceitou perder sua essência, mesmo com a força do poder colonial não se curvou à lógica e à

ideologia europeia e se afirmou como um sistema espiritual próprio e - nos dias atuais - está numa situação de constante atropelamento.

Baloba para além de ser um espaço sagrado, é um espaço também de transmissão oral de saberes, de prática comunitária e de conexão com os antepassados, um espaço que sobreviveu à tentativa sistemática de opressão cultural promovida pelo colonialismo. Baloba faz parte da identidade guineense, ajudou, e muito, na luta pela libertação nacional. Assim sendo, o Baloba se torna não só um espaço de espíritos sagrados, mas também se torna num instrumento político social de resistência africana.

O Baloba é conduzido sob a liderança dos *Homis garandis*², que passavam por iniciações e preparações até chegar à fase da liderança. Para Dias (2014. p.5), na África tradicional, os conhecimentos e hábitos dos costumes e experiências vividas pelas pessoas no seio de cada comunidade tinham por principal canal de voz o idoso. Ainda a mesma autora argumenta que o idoso era visto como uma fonte de sabedoria, e digno de atenção redobrada por parte da comunidade, porque todo o aprendizado e experiências já vividas pelos anciões eram ensinados aos mais jovens com o intuito de as novas gerações propagarem os hábitos comuns da comunidade.

Essas lideranças que eram responsáveis de tabancas (aldeias). São chamados régulos (chefes de uma determinada região ou localidade), e governavam seus territórios e resolviam os conflitos comunitários na base das sabedorias, pois foram preparados para isso. Mas a modernização chegou com “interferências mercadológicas e tecnológicas”, como Dias (2014) argumenta, e acabou com essas lideranças.

Observa-se que evoluir é a partir das bases culturais herdadas dos ancestrais. Exemplos claros para reforçar o entendimento do exposto na Guiné-Bissau são os *Panus di Pinti*, deixados por ancestrais, são tecidos artesanais, culturais e tradicionais feitos à mão, usados em cerimônias locais por várias etnias, nos dias atuais transformou-se em patrimônio cultural. Atualmente é usado em várias ocasiões, tais como desfiles, contextos de moda, homenagens e em outros tantos momentos. Esse contexto mostra contundentemente o real significado da civilização que é evolução na criação que os nossos ancestrais deixaram e foram levados a diante. Se queremos ser civilizados esse é o caminho: dar sequência aos valores culturais deixados por nossos ancestrais e não adotar culturas e religiões externas.

² Homis garandis, no contexto cultural guineenses, são idosos que passaram por series de iniciações, acumularam uma vasta experiência da vida e sabedoria em vários assuntos.

Segundo Caldeira (2025), a transmissão da fé cristã no continente africano esteve associada ao movimento de ocidentalização. Motivos que hoje no continente há uma forte presença cristã e islâmica. Quando um africano se converte as religiões cristã e islâmica, muda completamente sua forma de ser. Se converter para religião Muçulmana, é obrigatório mudar de nome, um nome Árabe é dado e muda o jeito de vestir também, pois inicia uma nova vida civilizada. Por outro lado, quando o sujeito se converte ao Cristianismo muda completamente, pois já é uma nova pessoa, usa roupa social europeia.

A pesquisa vai buscando entender de que forma o Baloba continua persistindo como espaço sagrado e comunitário de resistência cultural, compreender as razões pelas quais as crenças tradicionais guineenses são demonizadas.

2 - JUSTIFICATIVA

Sou um jovem africano guineense que cresceu praticando a fé cristã, desde muito cedo percebi o jeito que as crenças locais são vistas e tratadas pelas lentes das religiões cristãs e muçulmanas. Cresci no meio duma família que tem laços muito forte com usos e costumes étnicos, a família é muito rígida quando se trata em cumprir suas obrigações cerimoniais. Eu e os meus irmãos, frequentávamos a igreja, não víamos os tais atos com bons olhos, pois éramos crentes fiéis em Jesus Cristo. Na ideologia da igreja que frequentávamos, praticar e participar das ações associadas a isso era considerado ato demoníaco, satânico.

Desse jeito, ficamos por um bom tempo afastados dessas atividades, quando eram feitas cerimônias, casamentos, *tocatchur* na nossa casa ou nas casas dos vizinhos, nos distanciávamos para não participar daquilo. Com o tempo, paramos de frequentar a igreja, daí comecei a integrar esse contexto cultural étnico dos Balanta. Já com olhar mais cultural e menos cristão, comecei a sentir um certo pertencimento e originalidade. Me senti à vontade em participar dos eventos e me arrependo das vezes que não participei.

Hoje não tenho preconceito para com nenhuma cultura, muito menos com cosmovisão de nenhum povo. Acredito que, mundo é vasto e cada povo tem sua cosmovisão e que nela enxerga o mundo ao seu ver e nenhuma crença pode ser compreendida comparando com outra cultura.

Chegando no Brasil e estudando na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), tive a honra de despertar essa inquietação: por que é que temos que renunciar a nossa cultura para sermos cristãos ou muçulmanos? Por que é que quando nos convertemos temos que demonizar nossos usos e costumes étnicos?

Todas essas e outras questões pairavam na minha cabeça, sempre quis saber sobre isso, mas o que realmente me fez escolher esse tema foram os últimos acontecimentos: nos últimos tempos, tem sido frequente os ataques perversos para com as nossas tradições na Guiné-Bissau, num passado recente tiveram até casos de incêndios nos Balobas e igreja, não se sabe sobre os reais responsáveis, muito menos os motivos. Esses acontecimentos aconteceram num país em que pela Constituição é laica.

Na Guiné-Bissau todos podem seguir a ideologia religiosa que quiser, pois. É muito preocupante e lamentável ver esses atropelamentos que Baloba vem sofrendo por anos e precisa de saídas urgentes para que isso não venha a se agravar mais. Como jovem africano senti-me obrigado trazer essa discussão para juntos procurarmos uma resposta. Ser um estudante africano, guineense, escrever e pesquisar sobre tal assunto vai ajudar muito irmãos africanos e meus conterrâneos que passaram ou estão passando pela mesma situação.

Do ponto de vista acadêmico, o trabalho buscará contribuir com outras produções científicas que queiram abordar o debate de uma forma mais ampla e sobre a importância no fortalecimento de estudos africanos e heranças das tradições africanas, tocando o tema da preservação da memória coletiva, em especial na Guiné-Bissau. Portanto, proponha-se um diálogo entre as partes com propósito de descolonizar e preservar.

No âmbito social, o estudo busca retomar os valores culturais e espirituais que fortaleciam a comunidade guineense e hoje são vistos como valores diabólicos. Propondo um diálogo entre as partes com propósito de descolonizar e preservar. Fazer os meus irmãos e irmãs guineenses a nos entender e nos ver como realmente somos, que é diferente dos outros povos e fazer entender que ser civilizado ou civilizada não tem nada a ver com abandonar os nossos usos e costumes, pois isso é o que faz de nós um povo.

3 - OBJETIVOS

3.1 - OBJETIVO GERAL

- Analisar o papel do Baloba como pilar da resistência espiritual, social e cultural guineense no contexto das pressões de contemporaneidade.

3.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender de que forma o Baloba continua resistindo como espaço sagrado e comunitário de resistência cultural;
- Compreender as razões pelas quais as crenças tradicionais guineenses são diabolizadas.

4 - PROBLEMAS

4.1 - PROBLEMA GERAL

- Como o Baloba conseguiu ser símbolo da resistência guineense diante das imposições civilizacionais e religiosas externas?

4.2 - PROBLEMAS ESPECÍFICOS

- Por que razões as crenças tradicionais guineenses são diabolizadas?
- Como o Baloba influencia a manutenção dos valores culturais frente às pressões modernas?

5- BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A obra “Civilização ou barbárie” de Cheick Anta Diop (2025), afirma que o continente africano cientificamente é berço da humanidade, pois os primeiros seres humanos surgiram na África. A África é conhecida historicamente por seus grandes Impérios e Civilizações antigas, dos quais se destacam: Egito antigo, com suas pirâmides, Reino de Núbia, Império de Gana, do Mali e do Songhai, Reino de Congo, entre outros.

No século XIII e XIX, o território que hoje conhecemos como Guiné-Bissau, antes da chegada dos colonizadores era povoado por vários grupos étnicos, que tinham ligações com impérios locais (império Kaabu e império do Mali), na altura, tinham já uma ligação social muito forte e um estilo de vida complexa e culturalmente diversificada, cada grupo étnico tinha e tem sua forma única de ser e uma cosmovisão baseada na crença africana herdada por ancestrais e particular dependendo do grupo étnico. Com a chegada dos colonizadores portugueses no século XV, com a dita navegação comandada por Nuno Tristão. Que mais tarde deram o início a escravização no XIX e o território passou a ser chamado de "Guiné Portuguesa".

Durante esse período de aproximadamente cinco séculos (1446 a 1974), os habitantes da Guiné travaram sangrentas lutas de resistências contra os colonialistas portugueses que oscilava entre as questões inerentes a submissão de pagamento de impostos, ao cultivo forçado de colheitas de exportação, trabalhos forçados, serviço militar, obediência as autoridades portuguesa, etc. e até a obtenção da liberdade, soberania e independência (Monteiro, 2011. P. 226).

Anos se passaram, já no século XX, concretamente no ano de 1956, Amílcar Lopes Cabral, Luís Cabral, Aristides Pereira, Fernando Fortes, Elisée Turpin, Júlio Almeida e Henrique Araújo criaram o Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde

(PAIGC). Esses camaradas criaram o partido com finalidade de libertar Guiné-Bissau e Cabo Verde dos colonizadores portugueses.

Fizeram a mobilização, “foram forçados a aderir a via armada como forma de impor a legitimidade e reconhecimento da independência e da soberania” (Monteiro, 2011. p. 236), a guerra da libertação nacional começou em 1963. De acordo com Monteiro (2011), a luta de libertação da Guiné-Bissau começou na zona rural e depois se estendeu para todo território nacional, cada território libertado era chamada de “zonas libertadas” que depois se configuraram como estado guineense dentro do estado colonial, “promovendo políticas públicas de inclusão que contemple os membros do partido através de construção de escolas para formação de quadros políticos, postos médicos, entre outras instâncias de organização” (Monteiro, 2011, P.236).

A libertação da Guiné-Bissau foi em 24 de setembro de 1973, reconhecida por Portugal em 10 de setembro 1974 e de Cabo-Verde foi em 5 de julho de 1975. Conseguiram libertar os dois países africanos que estavam sob jugo colonial. O processo da libertação nacional juntou várias etnias que, por diferenças étnicas, tinham e têm visões diferentes na percepção do mundo na base das suas crenças. Com a independência, tivemos a chamada “identidade nacional” que surgiu na base dessa visão de juntar vários grupos étnicos para lutarem por uma causa, por uma identidade e por uma nação.

Na visão de Gomes e Silva (2022), após a independência proclamada pelo General João Bernardo Vieira perante o primeiro congresso de PAIGC, alguns combatentes da libertação foram condecorados como deputados da nação, e os militares assumiram cargos políticos para formação do Estado guineense, isto é, o Estado nasceu com militares no poder. Os autores ainda argumentam que, nos anos de 1991, foi revogada legalmente a Constituição e se instaurou a democracia e assim se ergueu a República da Guiné-Bissau.

6 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

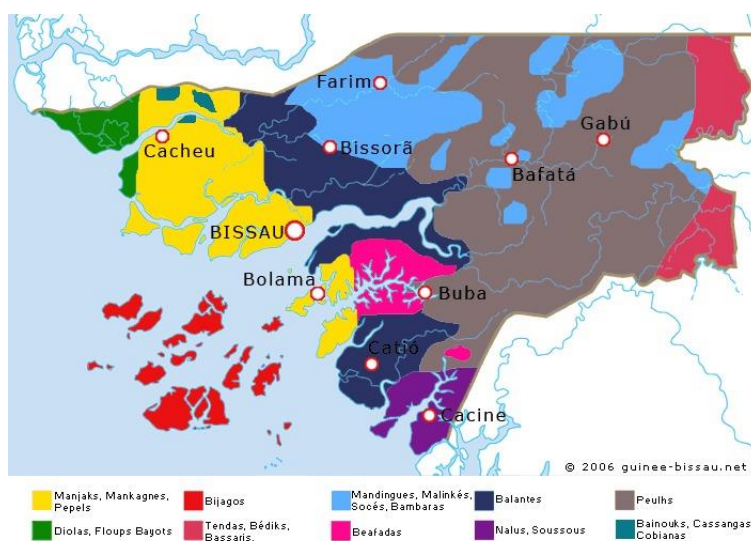
Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental do continente africano, limitado ao norte pela República do Senegal, a leste e Sul pela Guiné-Conacri e a oeste pelo Oceano Atlântico. Sua capital é Bissau, e o território abrange uma área de 36.125 km², correspondendo 0,03% da superfície do continente africano, com uma população estimada em cerca de 2,25 milhão de habitantes, segundo dados recentes do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2024).

Por ser costeiro, facilita muito no benefício em atividades pesqueiras e comércio marítimo, também o país tem vários rios que ajudam muito em transporte da população e outras atividades. Dividida administrativamente em (8) regiões, sendo elas: Biombo, Cacheu, Bolama,

Oio, Quinara, Tombali, Bafatá, Gabú e setor autônomo de Bissau (SAB), que é a capital do país, 37 setores administrativos, com aproximadamente 330 secções.

Segundo dados do último Recenseamento Geral da População e Habitação de 2009, a Guiné-Bissau apresenta uma ampla diversidade étnica. A etnia Fula constitui o maior grupo populacional, representando 28,5% da população, concentrando-se sobretudo nas regiões orientais de Gabú e Bafatá. Em seguida, destacam-se os Balantas, com 22,5%, predominantemente localizados nas províncias do Sul (Catió) e do Norte (Oio). A etnia Mandinga corresponde a 14,7%, com presença expressiva no Norte do país. Outros grupos relevantes incluem os Papeis (9,1%) e os Manjacos (8,3%). Já as etnias Biafada (3,5%), Mancanha (3,1%), Bijagó (2,15%), Felupe (1,7%), Mansoanca (1,4%) e Balanta Mané (1%) possuem menor representatividade. As comunidades Nalu, Saracolé e Sosso somam menos de 1% da população, enquanto 2,2% dos habitantes afirmaram não pertencer a nenhuma etnia específica (Guiné-Bissau, 2009, p. 14).

Figura 1- Mapa etnolinguístico da Guiné-Bissau.



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-PdFFvzwjusU/UW_D4JHMVOI/AAAAAAAAACTM/IP5Ricxln-w/s1600/ethnies_gui. Acesso em: 22 out. 2025.

Destaca-se ainda a região insular do Arquipélago dos Bijagós, composta por mais de 80 ilhas e ilhotas, reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como Reserva da Biosfera, devido à sua biodiversidade singular e à forte presença de práticas culturais tradicionais ligadas ao meio ambiente. Moeda é Franco CFA, que é também usada nos outros países africanos. O clima é tropical úmido e com duas estações do ano seca e chuvosa. A estação seca começa de novembro a maio e estação chuvosa começa de junho e outubro.

Figura 2- Mapa político de Guiné-Bissau.



Fonte: FURIAN, Peter Hermes. Mapa da Guiné-Bissau. Dreamstime, 2025. Disponível em: <https://www.dreamstime.com/>. Acesso em: 16 out. 2025.

O país é conhecido por sua diversidade étnica e linguística, o português é a língua oficial, mas é falado fluentemente por uma minoria da população. A língua mais falada é o crioulo (kriol) guineense. Além disso, existem mais de (30) línguas étnicas locais que refletem a rica diversidade linguística e cultural do país.

A cultura guineense é rica e diversa em termos culturais, refletindo a multiplicidade com mais de (30) grupos étnicos. Partindo da Constituição da República da Guiné-Bissau (1996), que é a carta magna do país, o estado guineense é laico, por outras palavras, neutro quando se trata de contexto religioso. Há liberdade religiosa que inclusive é garantido pela constituição. Segundo os dados de CIA world Factbook (2023), o Islamismo é a religião predominante correspondendo a 46,1%, religiões tradicionais correspondem a 30,6%, o Cristianismo conta com 18,9%, e 4,4% correspondem as pessoas que não têm religião. Lembrando que, as crenças africanas nativas são praticadas, as vezes de forma mais secreta porque são muito marginalizadas (demonizadas).

7 - DISCUSSÃO TEÓRICA

7.1- BALOBA COMO SÍMBOLO DA RESISTENCIA GUINEENSE

Nessa seção será definido o que é Baloba e também será discutido como se tornou símbolo da resistência guineense. Neste sentido, dentro desse cenário de diversidade étnica na

Guiné-Bissau, destaca-se o Baloba. Baloba é um santuário ou lugar onde fazem cultos, pedidos aos ancestrais (Té, 2016, p.25). Nanque (2023, p.3), argumenta que, Baloba é um lugar considerado sagrado e serve para interação com os antepassados, lugar onde muitas cerimônias são feitas, também serve como um espaço de ensinamentos, contos, danças, cânticos e de incorporação das suas divindades.

Constata-se que Baloba situa-se mais em árvores que são sagradas (poilões); segundo Domingos (2011), na cosmovisão africana há uma “ligação do homem com a natureza” o que explica o porquê da localização dos Balobas. Conforme Domingos (2011), na cosmovisão africana há uma forte ligação de respeito entre tradição africana e natureza, em especial as árvores, pois as árvores são vistas como “princípio da vida, da fecundidade e da proteção”.

A base de orientação dos rituais fica a cargo do balobeiro (sacerdote ou sacerdotisa), guardião espiritual do Baloba. Balobeiros são escolhidos para essa função, passam por séries de iniciações e preparações para chegar a fase de ser um balobeiro, suas línguas são lavadas o que os impede até de mentir, eles são purificados para lidar e agir com os espíritos que ali habitam.

Para Hampaté Bâ (2010), estes são chamados de “tradicionalistas”, são “guardiões dos segredos da Gênese cósmica e das ciências da vida”, e ainda argumenta que os mesmos têm uma memória “prodigiosa e arquivista”, pois conseguem acompanhar os fatos do passado transmitidos pela tradição para dialogar com fatos contemporâneos.

“Se o tradicionalista ou Conhecedor é tão respeitado na África, é porque ele respeita a si próprio” (Hampaté Bâ, 2010, p.178). Os rituais são feitos por Balobeiros/as e também são eles os responsáveis por cuidar do espaço em si. Na visão do Domingos (2015, p.170), no ritual, a linguagem, a palavra, não é somente instrumento de comunicação, ela é expressão por excelência, ela é força que movimenta as potências vitais e o princípio da sua coesão.

Calvo (2018), afirma que na Nigéria, o babalaô é a figura central do sistema religioso tradicional ioruba e é consultado em caso de decisões importantes para a comunidade (os reis das diferentes regiões têm seus babalaôs pessoais) ou para os indivíduos particulares.

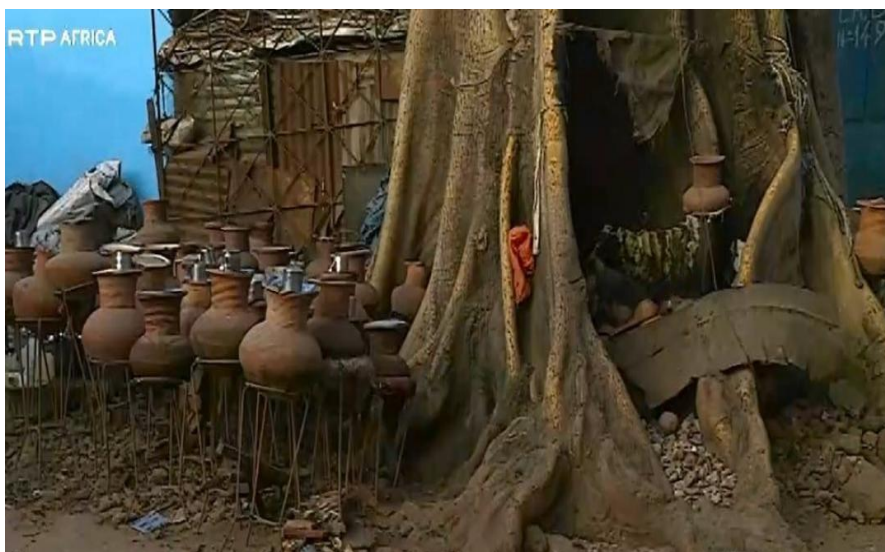
Ainda salienta que no Brasil, os métodos mais usados são o jogo de búzios (*erindilogun* ou *merindilogun*), com que são consultados os Orixás através das possíveis configurações do “jogo de dezesseis búzios e o obí (noz de cola) de quatro gomos, através do qual os Orixás ou os eguns respondem a perguntas com resposta sim /não” (Calvo, 2018, p7).

Podemos considerar que assim como os Balobeiros, os babalaôs e jogo de búzios têm a função semelhante quando se trata em comunicar com divindades. No caso de Balobas, são espaços importantes para a consulta espiritual e a invocação de divindades e ancestrais, fazendo

pedidos de proteção ou informações ao sobrenatural, inclusive consultando divindades por meio de rituais específicos. Assim, o espaço Baloba é usado para consultar divindades na tradição espiritual guineense.

Os rituais de Baloba variam de uma etnia para outra, “uma etnia é uma entidade que se define por características próximas das que habitualmente caracterizam uma Nação ou civilização” (Pinto, 2009 p. 33). Cada uma dessas etnias têm o nome para referir-se ao ser supremo, sendo: “G’ghala pelos balantas; Emitai pelos felupes/djolas, Nalí Batí pelos manjacos, Nasi Baci pelos mancanhas; Kanu pelas bagas e Nindo pelos bijagós”. (Garraão, 2022 *Apud* Hawthorne, 2012, p. 212).

Figura 3- Baloba tradicional na Guiné-Bissau.



Fonte: Adaptado de RTP África (s.d.).

Nos Balobas é notório ver que têm os potes de barro, os potes são feitos a mão e servem como recipientes onde se colocam oferendas aos espíritos e antepassados. Nanque (2023, p.3), afirma que os potes de barro que ficam ao ar livre servem para que os antepassados possam beber neles e na hora de fazer cerimônias. Assim, quem passa por ali pode beber dessa água, mesmo não sendo membro desse grupo.

Conforme argumenta o Domingos (2011), na visão da sociedade africana tradicional a terra é "fonte da vida" e está ligada diretamente à criação. Esses potes representam a ligação entre o mundo físico e o mundo espiritual, essa representatividade é uma forma também de honrar e alimentar os espíritos ancestrais, que dão proteção, prosperidade e cura, ou seja, é uma forma de agradecer os feitos conseguidos. Às vezes, são usados também para armazenar objetos sagrados, como sementes, pedras ou cinzas de rituais.

Os cultos e ritos feitos no Baloba têm várias finalidades, entre as quais: curas, proteção de doenças e maus olhares, bênção, prosperidade na colheita, pedido de filhos etc. Baloba também ajuda a comunidade a resolver conflitos, roubos e fortifica os laços comunitários. Ligada a cosmovisão entre os balantas, manjacos e papéis e outras etnias que realizam rituais, decisões políticas e espirituais.

Recentemente tem sido notado incêndios nos Balobas na capital Bissau, dois santuários e uma igreja foram incendiadas por pessoas desconhecidas nos bairros da Capital Bissau. Apesar do país ser laico, essa preocupante onda de intolerância religiosa contra Baloba não é de hoje, enquanto as medidas não forem tomadas os movimentos de violência tendem a continuar, esses ataques não são só ataques e sim tentativas de tirar a liberdade do povo de seguir a religião que quiser sem perseguição. Já que não basta chamar Balobas de "casa de diabo", agora estão tentando tirar do povo espaço de cura, de culto, cultural, espiritual e centro de vida social.

A tradição cultural Africana considera que todos os homens constituem uma única irmandade/humanidade— onde cada homem é membro integrante da família humana estendida. Este constitui o fundamento dos valores da hospitalidade e solidariedade africana, Ujamaa; é o humanismo Africano. (Domingos, 2011, p. 3).

Segundo Urasse (2019), na cosmovisão africana, nós somos a reencarnação de nossos ancestrais. Nossos filhos são os ancestrais que trazemos de volta ao mundo e quando morrermos, nos tornaremos ancestrais. Ou seja, nós somos os nossos ancestrais e nossos ancestrais são nós mesmos, existimos porque nossos ancestrais existiram e existiram porque nós existimos. É a mesma linhagem, mesmo sangue correndo em nossas veias, somos reflexos dos nossos ancestrais e eles são nossos reflexos.

A mesma ainda argumenta que, “se não cuidarmos dos nossos ancestrais enfraqueceremos enquanto pessoa e enquanto povo” (Urasse, 2019). Nessa linha de raciocínio, demonizar o que os nossos ancestrais acreditavam é auto aniquilação cultural, ou seja, é nos amaldiçoar. Tudo virou do avesso, os sacerdotes agora nos olhos dos africanos viraram feiticeiros, as entidades são vistas como demônios e Baloba transformou-se num lugar onde moram os demônios. Um povo que tem vergonha da sua crença fica vulnerável e fácil em adotar culturas externas.

A sabedoria Africana sobre Deus é expressa nos provérbios, nas canções, orações, nomes, mitos, histórias, ritos, rituais e nas diversas dimensões das cerimônias religiosas. Ninguém espera longas dissertações sobre Deus. Mas Deus não é estranho para o povo Africano. Nas sociedades tradicionais Africanas é inconcebível a existência de um homem ateu, que não acredita em Ser Supremo, Olorum, Nzambi, Deus. (Domingos, 2011, p.3).

Para os que vieram antes de nós, respeitar a fé ancestral é se amar e saber que os seus ancestrais tinham sua forma única de conectar com o ser supremo, o que tem tudo a ver conosco diferente das religiões que foram impostas. Em suma, o africano não precisa se converter para ter conexão com Deus porque sempre esteve conectado com Deus através da sua cosmovisão. No entanto, Baloba trata-se de um espaço de transmissão oral de saberes, de prática comunitária e de conexão com os antepassados, que sobreviveu à tentativa sistemática de opressão cultural promovida pelo colonialismo.

7.2 - PAPEL DO BALOBA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

Essa seção, será apontado o papel do Baloba na luta da libertação nacional da Guiné-Bissau. Nisso, o processo da libertação da Guiné-Bissau (1963 - 1973), foi marcado por desafios e tensões armadas, o país é rico em aspectos da diversidade étnica, várias etnias, várias línguas, várias culturas e vários povos que vão se juntando graças a mobilização do Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), para uma causa que era libertar a Guiné-Bissau e Cabo Verde dos colonizadores portugueses.

As lideranças do Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) na época utilizavam a cultura como um dos mecanismos importantes para convencer a população sobre a necessidade de criação de uma união nacional para lutar contra o regime colonial nos países africanos (Gomes; Silva, 2022 p. 43).

No processo, o Baloba foi muito fundamental na união desses povos que não partilham mesmos costumes e não falavam mesma língua, mas tinham uma causa em comum para juntarem e lutar. Baloba não era só um espaço sagrado de ritos, na luta de libertação serviu também como um espaço que guarda as normas tradicionais, que incentiva, encoraja, dá proteção e bases na luta de libertação guineense e identidade nacional.

De acordo com Monteiro (2011, p. 35), a estratégia para a mobilização para a luta traçada pela elite intelectual guineense, objetivava também ressaltar a importância das tradições culturais locais, como “fator principal da viabilização da luta armada”. Nessa linha de ideia, a elite intelectual guineense entendeu a importância de juntar diferentes povos na base duma visão cultural.

Na visão do pai da nacionalidade guineense e cabo-verdiana, Cabral (1980), “a espiritualidade e os valores tradicionais são o antídoto contra a alienação colonial”. Baloba se encaixa aqui como espaço simbólico onde a cultura e tradição se manifestam e se fortalecem. Durante a luta de libertação, Balobas ajudaram a fortalecer a identidade guineense, unindo

diferentes grupos étnicos sob uma causa, que era contra a colonização portuguesa. Ligada a cosmovisão entre os balantas, manjacos e papéis, etnias que foram muito fundamentais na guerra militar por suas coragens e determinação. Acreditava-se que os espíritos dos antepassados acompanhavam os corajosos homens fortalecendo a coragem e a esperança.

As cerimônias e rituais feitos no Baloba fortaleciam a coragem e laços dos valentes homens que lutavam arduamente para libertação, isso permitiu que os resultados fossem mais sólidos. A tradição teve seu papel nesse processo e continua tendo até os dias atuais como forma de sensibilização e preservação cultural da africana guineense.

Após a independência (1973 a 1974), apesar da luta intensa e pressão colonial o Baloba continua viva preservando e atuando como um espaço de preservação e de valorização cultural. Mesmo com pressões da era moderna e das religiões atuais no território guineense, Baloba ainda continua se afirmar como raiz da identidade nacional guineense.

Assim sendo, observa-se que, por resistir até hoje mostra claramente que a libertação nacional não foi só por vias armadas, foi também por vias espirituais. O processo colonial tentou implementar de todas as formas possíveis a desestruturação desses lugares considerados entre os povos locais como sagrados, para colocar a cultura europeia como a principal, que iria afastar mais o guineense de ser quem realmente ele é, afastá-lo que o torna mais guineense que é a sua cultura representada pela sua diversidade étnica.

7.3 - ESPIRITUALIDADE AFRICANA *VERSUS* CIVILIZAÇÃO

Essa seção, tem como objetivo fundamentar sobre as práticas espirituais africanas demonizadas pelas pressões do mundo atual. De partida, quando se fala de renascimento africano, que quer dizer, restaurar e reviver os modos de vida perdidos do homem africano há quem diga que o continente está passando pelo processo de civilização.

Conforme Aquino (2012, p. 144), em "Considerações sobre o conceito de civilização em Norbert Elias", os europeus viam a civilização com orgulho por suas contribuições ao progresso humano, o que levava a menosprezar outras culturas. A autora explica que civilização é um processo de evolução de uma sociedade, passando de um estágio visto como inferior para outro considerado superior. Essa ideia mostra um julgamento de valor claro: para se civilizar, é preciso seguir um caminho tido como melhor. Essa visão reforça o caráter eurocêntrico de Elias, colocando a Europa moderna como o ponto mais alto. Isso contrasta com as cosmovisões africanas/guineenses deste trabalho, que veem o desenvolvimento como equilíbrio entre ancestrais, comunidade e natureza, não como uma linha reta de progresso. Aquino mostra como

essa divisão entre "civilizado" e "bárbaro" ajudou a justificar o colonialismo, desvalorizando tradições orais africanas.

Neste sentido, para Nkrumah (1964, p. 120), a verdadeira civilização não é aquela que se submete aos valores coloniais, mas aquela que se fundamenta nas raízes culturais africanas. Seguindo essa perspectiva, pode-se compreender civilização como o processo de avanço dos modos de vida social e cultural de um povo rumo à era moderna, preservando seus referenciais identitários. Assim, civilizar não significa abandonar a cultura própria para adotar práticas de outros povos; ao contrário, implica um movimento de metamorfose, transição e evolução cultural e social que respeita e reafirma as tradições e valores originários que constituem a essência desse povo.

Na visão de Urasse (2019), a espiritualidade africana é culto de ancestral e de forças da natureza. “A tradição não é uma etapa de uma progressão que desemboca na modernidade, num movimento linear e evolucionista, em que o passado nada mais é do que a preparação do presente, à luz do qual a história deva ser interpretada” (Pinto, 2009 p.19).

Pinto (2009), salienta que, a tradição é o conhecimento que se transmite implicitamente, através da observação e da imitação de posturas, de atitudes, de regras. É a modalidade tradicional da experiência que preside às visões do mundo que, ainda hoje, em todas as sociedades, continuam a dar sentido e conferem legitimidade aos discursos e às ações espontâneas da vida quotidiana e do senso comum, que dão sentido à experiência do homem inserido na sua comunidade de pertença.

O africano atual, está longe de ser civilizado, porque perderam com o caminho, com essência e com a cultura. E quando se perde a cultura de um povo que tem moralidade, justiça e cultura haverá consequência graves. Motivos que fizeram a cultura africana ser odiada por alguns africanos que adotaram a cultura europeia. Antes da chegada do homem branco havia uma liderança que foi estabelecida na base das ideologias sociais, cultural e políticos locais africanas.

Aproximadamente quinze séculos atrás, antes da chegada e invasão das potências ocidentais, algumas sociedades africanas desde os primórdios, já se encontravam estruturadas de forma Estatal ou imperial, no caso, do Egito, da Gana, do Mali e da Etiópia, exercendo várias atividades econômicas ou comerciais, religiosas, agrícolas, políticas garantindo sua sobrevivência. No caso das reproduções agrícolas, levando eles muitas vezes a uma vida nômade e outros sedentários, de acordo com a região, ambiente e clima favorável a suas convivências. (Fernandes, 2018 p. 22).

Na África o povo vivia em comunidade e partilhavam seus recursos, se ajudavam, esse era a forma que viviam, de ponto de vista cultural, esses valores estão sendo trocados e hoje os africanos usam ideologias eurocêntricas para legitimar sua modernização. Fazem de tudo para parecer mais moderno e civilizado, como se modernidade e civilização fosse abandonar os velhos costumes que os tornam um povo.

Estar isolado, na sociedade Africana, é estar morto. Assim o Africano se vê em harmonia com o próprio homem, com aqueles que estão vivos, com os que já partiram, os “mortos”. Neste contexto a religião tradicional africana é destinada a manter as relações com os ancestrais, as entidades que existem na natureza, os Orixás. (DOMINGOS, 2011 p.3).

Ora, o africano é aquele que tem conexão com a sua cultura e prática a autor realização usando seus recursos para cultivar os bons costumes ensinados da melhor forma possível. Atualmente a criatividade e originalidade do homem africano foi substituída motivos que fizeram o instinto de auto ligação com as crenças como antes sumir e o africano se tornou dependente das outras culturas a fim de acompanhar a era moderna. Para Pinto (2009), a fidelidade à identidade africana deveria passar pela recusa total da modernidade, e considera-a responsável pela atual “indefinição e instabilidade”.

Esse fenômeno da negação do outro e da sua cultura e da religião, trazido pelo ocidente através da colonização, ainda deixou suas cicatrizes. Consequentemente, os estereótipos negativos criados acerca das religiões tradicionais africanas ainda persistem sendo taxadas como de irã ser o diabo, ou seja, tudo que não coaduna com as religiões monoteístas é atribuída a algo satânico (GARRAFÃO, 2022, p.59).

Percebe-se que, o Cristianismo e Islamismo são os reais obstáculos da cultura africana nos dias atuais, visto que, há a separação e preconceito dessas religiões para com Baloba no território guineense, uma vez que, cada um tem sua forma de ver e interpretar o mundo, mas os muçulmanos e cristãos afirmam que adoram um Deus único, apesar de terem ideologias diferentes.

As tradições africanas, têm maneira diferente de se religar com o ser supremo. O que provoca certa necessidade de serem convertidos, como se não têm ligação com ser supremo. Um exemplo simples e claro, se um muçulmano entrar numa aldeia (tabanca) o primeiro objetivo dele será construir uma mesquita (local de culto), converter todos, dar nomes Árabes e vesti-los igual Árabes. Assim muda o horário de acordar, até a forma de enterrar os entes queridos, ou seja, tudo tem que ser feito de acordo com a lei islâmica.

Expansão e a elevação do islamismo foram substituídas as festas habituais pelo cronograma islâmico, inserção de várias palavras, novas concepções de ponto de vista árabe dentro da estrutura linguística africana; por exemplo, o haussa - povos negróide da Nigéria e particularmente nos arredores do Sudão, fula e mandinga, todos foram

influenciados muito na expansão do islão incluindo os vestuários, e a partir daí a cultura árabe começou a impactar os africanos, também nas artes de construção (aspectos funcionais, estética dos edifícios), denominação honorífica e música. (Fernandes, 2018, p.21).

Com cristão não seria diferente, o Cristianismo entra numa aldeia (tabanca), mesmo sabendo que tem cultura lá, te converte e te faz usar vestes hebraicas ou fatos, ternos e gravatas, ou seja, você tem que ser europeu ou hebraico, mas não pode ser você na sua autenticidade para Deus aceitá-lo, pois só assim estás no bom caminho para o céu.

As pessoas tinham que mudar seus nomes próprios que lhes foram dados de acordo com região, cultura ou grupo étnico e social que pertencessem (da sua matriz) para outros de origem dos invasores ocidentais. Nesse caso tinha que ser um nome aportuguesado e cristão, e os nomes eram colocados logo no momento da conversão para cristianismo, e isso aconteceu (Fernandes, 2018, p.28).

Nos dois primeiros capítulos da obra “Discurso sobre colonialismo”, Césaire (1978), denuncia o discurso civilizacional europeu como uma “farsa ideológica”, por trás da retórica do progresso e da missão civilizatória, o que se esconde é um projeto de exploração, violência e desumanização. Ele afirma que a Europa se tornou “indefensável” moral e politicamente, pois transformou o ser humano em objeto e instaurou um regime de barbárie nos territórios colonizados o que contradiz frontalmente o discurso de superioridade ética e cultural do colonizador.

Frantz Fanon, em sua obra "Os Condenados da Terra" (publicada originalmente em 1961), argumenta que a estrutura de violência não pode ser combatida por meios pacíficos, pois o próprio tecido social colonial é sustentado pelo uso constante da força. “A violência do regime colonial e a contra-violência do colonizado se equilibram e se respondem a uma homogeneidade recíproca extraordinária” (FANON, 2022, p. 85).

Assim sendo, o continente africano tem que repensar em retornar as suas origens, preservar, valorizar as estruturas e as identidades africanas que atuaram como parte fundamental na construção dos antigos impérios e hoje continuam atuando como uma manutenção do sagrado na comunidade africana. Diop (2025), aponta o retorno ao Egito como fundamental quando se pensa na reconstrução cultural, científica e histórica de África.

8 - METODOLOGIA

A pesquisa científica, ao visar contribuir para o desenvolvimento humano, requer métodos adequados, planejados e rigorosamente acompanhados para garantir resultados reconhecidamente científicos (Medeiro, 2005, p. 43).

Abordagem e Tipo de Pesquisa adota-se a abordagem qualitativa para compreender como as cosmovisões africanas/guineenses são percebidas no mundo contemporâneo, com base nas ideologias dos autores analisados. Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa busca compreensões profundas da realidade social humana. Essa modalidade beneficia o estudo ao permitir interpretação e descrição do tema social, cultural e contemporâneo, favorecendo análises individuais detalhadas dos dados.

Procedimentos de Coleta de Dados realiza-se pesquisa bibliográfica para recuperar o conhecimento acumulado sobre o problema, consultando dissertações, teses, artigos, livros e outras fontes relevantes (Rodrigues, 2007, p. 4). Como técnica principal, utiliza-se a entrevista semiestruturada, flexível para inclusão de novas perguntas, considerando a tradição oral africanas transmitidas a gerações.

Essa ferramenta promove interação recíproca entre entrevistador e entrevistado, facilitando a obtenção de informações detalhadas (Sant'Ana; Lemos, 2018, p. 537). Os entrevistados incluem: cinco Balobeiros, três frequentadores de Baloba, seis membros de igrejas, quatro pastores, seis membros de mesquitas, quatro imames e duas pessoas neutras, totalizando 30 participantes. Na tradição oral, o pesquisador deve adotar "uma atitude oral em relação ao discurso" (Vansina, 2010, p. 139), valorizando a fala como meio de comunicação e preservação ancestral, distinta das culturas escritas.

Na fase de compilação, o pesquisador integra observações, entrevistas e análises documentais com suas vivências e o contexto da pesquisa (Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021, p. 164). Todo o processo segue as normas brasileiras para pesquisas com seres humanos.

REFERÊNCIAS

- GUINÉ-BISSAU. **Constituição da República da Guiné-Bissau. 1984.** Revisada em 1996. Disponível em: https://constituteproject.org/constitution/Guinea_Bissau_1996.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.
- GUINÉ-BISSAU. **Instituto Nacional de Estatística (INE).** Relatório estatístico anual 2024. Bissau: INE, 2024.
- BISPO, Érica Cristina. **Odete Semedo e Amílcar Cabral: resistência cultural, tradição e memória.** Revista Crioula, São Paulo, n. 19, p. 51–73, 2017. ISSN 1981-7169. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/129352>. Acesso em: 22 out. 2025.

CIA. The World Factbook – **Guinea-Bissau**. Washington, D.C.: Central Intelligence Agency, 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/guinea-bissau/>. Acesso em: 30 set. 2025.

WORLD BANK. **Guiné-Bissau – Visão geral**. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/country/guineabissau>. Acesso em: 30 maio 2025.

GUINÉ-BISSAU. **Recenseamento Geral da População e Habitação 2009**. Bissau: Instituto Nacional de Estatística (INE), 2009.

BLOGSPOT. **Ethnies Guiné-Bissau: mapa etnolinguístico da Guiné-Bissau**. Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/-PdFFvzwjusU/UW_D4JHMVOI/AAAAAAAAACTM/IP5Ricxln-w/s1600/ethnies_gui. Acesso em: 22 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Biosphere Reserve Information: Bolama-Bijagós Archipelago**. Paris: UNESCO, 2024. Disponível em: <https://en.unesco.org/>. Acesso em: 15 out. 2025.

CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta: textos políticos**. 4. ed. Lisboa: Seara Nova, 1980.
NKRUMAH, Kwame. **Consciencism: Philosophy and Ideology for Decolonization**. London: Heinemann, 1964.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1. ed., 1978. Tradução do francês por Noemia de Sousa. Capa de Vítor da Silva.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África: I – Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167–212.

DOMINGOS, Luís Tomas. **A visão africana em relação à natureza**. In: *Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH. Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá (PR), v. III, n. 9, jan. 2011. ISSN 1983-2859.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Guiné Portuguesa versus Guiné-Bissau: a luta da libertação nacional e o projeto de construção do Estado guineense**. A Cor das Letras, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 12, p. 223–238, 2011. Número temático: Literatura, cultura e memória negra.

GOMES, Bruno; SILVA, Natalino Neves da (orgs.). **Guiné-Bissau: revolução anti-imperialista inacabada**. Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2022. 212 f. ISBN 978-65-86489-50-7.

FERNANDES, Manuel. **Religião, cultura e identidade na Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 2018.

AQUINO, Silvia Lima de. **Considerações sobre o conceito de civilização em Norbert Elias**. Revista Espaço Acadêmico, v. 138, 2012.

RTP ÁFRICA. **Reportagem sobre tradições religiosas na Guiné-Bissau**. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal, [s.d.]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.rtp.pt/africa/>. Acesso em: 15 out. 2025.

FURIAN, Peter Hermes. **Mapa da Guiné-Bissau**. Dreamstime, 2025. Disponível em: <https://www.dreamstime.com/>. Acesso em: 16 out. 2025.

GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro. **O casamento da etnia Pepel e suas ressignificações na contemporaneidade**. 2022. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fátima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. **As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação**. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SANT'ANA, Wallace Pereira; LEMOS, Glen Cézar. Metodologia científica: **a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André**. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar, Mossoró, v. 4, n. 12, p. 531-541, nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/1710>. Acesso em: 27 out. 2025.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. Capítulo 7 in. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. 992.

NANQUE, Adelino. **Mulher Katandera: protagonismo sociopolítico e espiritualidade.** Revista da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), 2023.

TÉ, Antônio Abipinte. **Principais rituais da etnia Pepel: fanadu e casamento.** 2016. 139 f. Monografia (Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2016.

DOMINGOS, Luís Tomás. **A complexidade da dimensão religiosa da medicina africana tradicional.** Mneme – Revista de Humanidades, Caicó, v. 15, n. 34, p. 167-189, jan./jul. 2015. Dossiê Religiões Afro-brasileiras. ISSN 1518-3394.

PINTO, Paula. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interativa do subdesenvolvimento.** Dissertação Para Obtenção Do Grau de Semestre Em Estudos Africanos Pelo Centro De Estudos Africanos Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto. Porto, 2009.

URASSE, Anin. **Notas sobre a espiritualidade africana.** Blog Pensamentos Mulheristas, 12 abr. 2019. Disponível em: <https://pensamentosmulheristas.wordpress.com/2019/04/12/notas-sobre-a-espiritualidade-africana/>. Acesso em: 30 out. 2025.

DIOP, Cheikh Anta. **Civilização ou barbárie: antropologia sem complacência.** Tradução de César Sobrinho. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Zahar, 2025. 504 p. ISBN 978-85-94933-41-6.

DIAS, Maria Aparecida do Nascimento. **Um olhar sobre a velhice em “Sangue da avó manchando a alcatifa” de Mia Couto.** In: ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO – ENLIJE, V, 2014, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/6152>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CALDEIRA, Cleusa Albuquerque; Albuquerque, Francisco das Chagas de. **"Teologia africana: diversidade, pós-colonialismo, diálogo intercontinental, esperança."** Perspectiva Teológica, v. 57, n. 1, 2025, artigo e02125. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/6042>. Acesso em 28 out. 2025.

CALVO, Daniela. **Ifá e Candomblé: desafios, conflitos, contribuições e ajustes.** Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá, v. 11, n. 31, p. 239-260, jan. /abr. 2018.

Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Rbhr/article/view/39293>. Acesso em: 3 nov. 2025.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. 2025. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf. Acesso em: 05 nov. 2025.